

# Perfil de formação profissional dos fisioterapeutas das unidades de terapia intensiva da cidade de Maceió

Profile of professional background of physiotherapists in intensive care units in the city of Maceio

RUSSO, Rafaela Costa<sup>1</sup>  
TOLEDO, Thaís Ramos de Oliveira<sup>1</sup>  
ROCHA, Ângelo Roncalli Miranda<sup>2</sup>  
RODRIGUES, José Erickson<sup>3</sup>

---

## Resumo

**Introdução:** A inserção do fisioterapeuta em unidades de terapia intensiva (UTI) vem aumentando de forma sistemática e gradual. Deste modo é imperativa a correta habilitação desse profissional, pois na corrente sociedade a criatividade e a disposição para capacitação permanente são requeridas e valorizadas. **Objetivo:** Delinear o perfil de formação profissional dos fisioterapeutas que atuam nas unidades de terapia intensiva da cidade de Maceió. **Método:** Trata-se de um estudo transversal, realizado a partir de informações coletadas junto aos fisioterapeutas que atuam nas unidades de terapia intensiva adulto (UTI adulto) dos hospitais particulares e públicos da cidade de Maceió. O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário elaborado para este fim, contendo 24 questões de múltipla escolha. **Resultados:** Quanto à formação profissional, 94,44% dos fisioterapeutas são pós-graduados. A titulação predominante é a especialização, e Cardiopulmonar/Terapia Intensiva é a área que prevalece entre as pós-graduações. No que diz respeito à atualização, 64,8% participam de eventos científicos, contudo 61,1% não possuem o hábito de publicar artigos. **Conclusão:** Na maioria, os fisioterapeutas das UTIs de Maceió possuem pós-graduação na área em que atuam e apresentam interesse em manter-se atualizados, contudo há pouco envolvimento com a produção científica.

**Palavras-chave:** Fisioterapia; Qualificação Profissional; Unidades de Terapia Intensiva.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de fisioterapia pela Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL).

<sup>2</sup> Fisioterapeuta, Mestre em Ciências da Saúde – Pneumologia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Docente da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL) e do Centro Universitário CESMAC. Email: [angelo\\_r\\_rocha@yahoo.com.br](mailto:angelo_r_rocha@yahoo.com.br); [angelo\\_rocha@cesmac.com.br](mailto:angelo_rocha@cesmac.com.br)

<sup>3</sup> Fisioterapeuta, Especialista em Neurologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Docente do Centro Universitário CESMAC.

## Abstract

**Introduction:** The inclusion of the physiotherapist in intensive care units (ICU) has been gradually and systematically increasing. Thus it is imperative that this professional has an adequate qualification since creativity and willingness to ongoing training are required and valued in the current society. **Objective:** To delineate the profile of professional background of physiotherapists who work in intensive care units in the city of Maceió. **Method:** This cross-sectional study was performed with physiotherapists who work in adult intensive care units (ICU adult) of public and private hospitals in Maceió. The instrument used for data collection was a questionnaire developed for this purpose, containing 24 multiple choice questions. **Results:** About the professional background, 94,44% of the physiotherapists are postgraduates. The predominant degree is specialization, and Cardiopulmonary/Intensive Care is the area that prevails among the postgraduates. Regarding the professional updating, 64,8% participate in scientific events, however 61,1% do not usually publish articles. **Conclusion:** In general, the physiotherapists in ICUs of Maceió are postgraduate in the area in which they work and have interest in continual updating, however there is a low involvement in scientific production.

**Keywords:** Physical Therapy; Qualification; Intensive Care Units.

## Introdução

O ambiente físico no qual todas as atividades estão voltadas para o cuidado do paciente crítico é a Unidade de Terapia Intensiva (UTI), que possui elementos essenciais para que o atendimento se dê com a máxima eficiência e o mínimo de riscos. Inicialmente, apenas médicos e enfermeiros compunham a equipe desta unidade. Com o passar dos anos, novas especialidades foram se agregando às UTIs (1).

A inserção do fisioterapeuta nesta área começou no final da década de 70 e desde então sua afirmação como integrante da equipe de assistência intensiva vem aumentando de forma sistemática e gradual. Em meados de 2001, o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) reconheceu os primeiros cursos de Fisioterapia Intensiva no Brasil, dando início à conceituação moderna da ação do fisioterapeuta intensivista, com atuação exclusiva em Unidades de Terapia Intensiva e Semi-Intensiva (2,3).

Paralelamente, o profissional fisioterapeuta, como integrante da equipe multiprofissional, passou a necessitar cada vez mais de aprimoramento e educação especializada devido à complexidade do seu trabalho e diante da cobrança pela efetividade de suas condutas, controlando os riscos ao paciente. Deste modo é imperativa a correta habilitação desse profissional (2,3).

Vale lembrar que, de um modo geral, alguns anos atrás a atualização profissional era optativa e restrita. Tão logo graduado em curso superior, o profissional considerava concluída a fase de estudos e, daí em diante, iniciava a fase do trabalho. Porém, a atual conjuntura demonstra que o diploma não significa necessariamente uma garantia de emprego e que a empregabilidade está relacionada à qualificação pessoal, capacidade de adaptação e de decisão, como também ao trabalho em equipe (4,5). A consequência disso é a necessidade das pessoas e dos profissionais atualizarem continuamente o seu conhecimento, pois na corrente sociedade a criatividade e a disposição para capacitação permanente são requeridas e valorizadas (6,7).

Devido ao presente panorama, após a obtenção do título de graduado, o fisioterapeuta

é compelido a obter maiores titulações como forma de aperfeiçoamento, visto que um de seus compromissos como profissional da área de saúde é a educação permanente, onde este deve manter-se em processo contínuo de aprendizagem, tanto na sua formação, quanto na sua prática (8,9,10).

Nesse contexto é relevante conhecer o nível de formação dos fisioterapeutas das UTIs em relação à titulação e atualização frente aos avanços no conhecimento e tecnologia a que estão expostos no seu cotidiano.

Diante disso, frente à crescente inserção do fisioterapeuta nas UTIs da cidade de Maceió, Alagoas, o presente estudo teve como objetivo delinear o perfil de formação profissional dos fisioterapeutas que atuam nas unidades de terapia intensiva desta cidade.

## **Materiais e Método**

A presente pesquisa trata-se de um estudo de campo, descritivo e transversal, realizado no período de agosto a setembro de 2011. Foram incluídos na pesquisa fisioterapeutas de ambos os sexos, inscritos no Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO), 1ª Região, que estavam em atividade profissional e faziam parte da escala permanente de trabalho de UTIs com perfil de atendimento a adultos (UTI adulto) de hospitais públicos e particulares da cidade de Maceió, Alagoas, sendo excluídos aqueles que atuavam de forma esporádica na unidade, suprimindo ocasionalmente eventuais ausências nas escalas de serviço permanente.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas - UNCISAL, sob o protocolo de nº 1615/2011. Cada participante assinou um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), permitindo a realização do estudo.

Inicialmente, foi realizado um levantamento junto aos hospitais de Maceió a fim de saber em quais havia UTIs adulto. Posteriormente, foram contatadas as respectivas coordenações de fisioterapia para saber a quantidade de fisioterapeutas que trabalhavam nestas unidades. De posse destes dados, foi realizada a abordagem presencial dos sujeitos de pesquisa, esta poderia ser na Clínica-Escola de Fisioterapia da UNCISAL ou em local que fosse mais conveniente para o fisioterapeuta. No estudo, buscou-se englobar toda população alvo que atendesse aos critérios de inclusão.

Para efeito de possíveis ajustes quanto à compreensão das perguntas constantes no questionário, realizou-se um estudo piloto com quatro fisioterapeutas que atendessem aos critérios de inclusão da pesquisa. Após este, as dúvidas surgidas e relatadas pelos fisioterapeutas durante o preenchimento foram apreciados por um comitê constituído pelos pesquisadores, que avaliaram a necessidade de ajustes no questionário.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi um questionário, auto-aplicável, elaborado pelos pesquisadores para este fim, contendo 24 questões de múltipla escolha, versando sobre 4 temas ou domínios: a) *dados pessoais e profissionais*, cujos quesitos versavam sobre idade, sexo, horas trabalhadas por semana, quantidade de horas trabalhadas exclusivamente em UTI e faixa salarial; b) *formação acadêmica*, abrangendo questões acerca do ano e tempo de graduação, se ocorreu em instituição pública ou privada, e em qual unidade da federação foi realizada; c) *formação profissional*: se o participante possuía pós-graduação, quantas, quais, em qual(is) área(s) de atuação, qual a maior titulação, em qual(is) unidade(s) da federação foi/foram realizada(s), relação entre o tempo de graduação e início da pós-graduação; e d) *atualização profissional*, cujos tópicos relacionavam-se ao hábito e frequência da leitura de artigos científicos e participação em programas de educação continuada, participação em eventos científicos, tipo de evento científico mais frequentado, tipo e quantidade de publicações científicas realizadas.

Os resultados obtidos foram coletados em banco de dados e avaliados através de estatística descritiva, onde as variáveis foram apresentadas por meio de frequências relativas (%) e números absolutos (N). Utilizou-se para esta finalidade o programa *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) 13.0 for Windows*.

## Resultados

A amostra constou de 57 fisioterapeutas, que constituíam 100% daqueles que trabalhavam nas 11 UTIs adulto da cidade de Maceió, havendo três perdas: uma devido às férias pessoais e duas por recusa à participação, totalizando 54 questionários validos para análise.

Com relação aos dados pessoais e profissionais, verifica-se um predomínio de fisioterapeutas do sexo feminino (72,2%). Em sua maioria são profissionais jovens, com média de idade de  $32,1 \pm 6,8$  anos, estado a maioria entre 26 e 30 anos (37,0%), atuando em regime de 30 horas semanais exclusivas em UTIs adulto (44,4%). Quanto à faixa salarial, a média de rendimentos foi de  $2920,19 \pm 1218,41$ , maior parte (25,9%) com rendimentos entre 2.000 e 3.000 reais (Tabela 1).

Treze (24,1%) fisioterapeutas responderam que prestam atendimento exclusivo à UTI, enquanto 41 (75,9%) dividem o turno de trabalho com o atendimento em outros setores do(s) hospital(is).

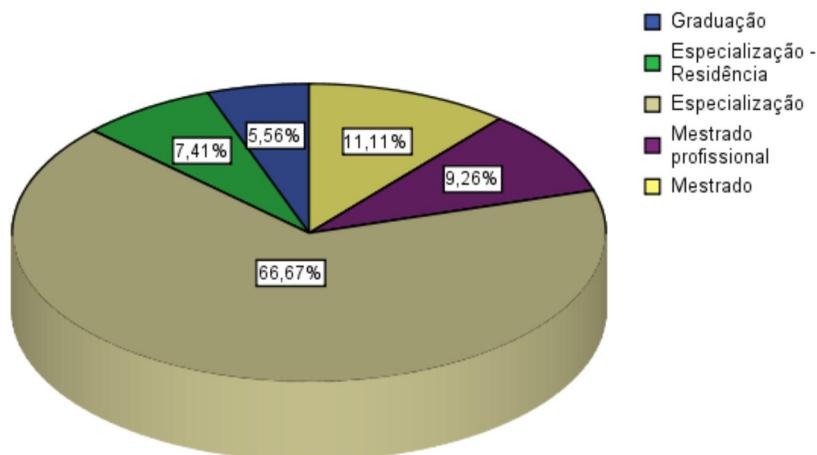
No que se refere à formação acadêmica, 33 (61,1%) graduaram-se em instituição privada, 20 (37,0%) em instituição pública e 1 (1,9%) não desejou responder ao questionamento. Sobre o local da graduação, 34 (63,0%) fisioterapeutas graduaram-se em Alagoas, 9 (16,7%) na Paraíba, 3 (5,6%) em São Paulo, 1 (1,9%) em Sergipe, 1 (1,9%) em Pernambuco e 6 (11,1%) em outros estados.

Constatou-se que 21 (38,9%) fisioterapeutas possuíam tempo de graduado entre 1 e 5 anos, 15 (27,8%) entre 6 e 10 anos e 16 (29,6%) graduaram-se a mais de 10 anos, com média de  $7,2 \pm 3,9$  anos. Apenas 1 dos entrevistados (1,9%) havia graduado-se a menos de 1 ano e 1 profissional (1,9%) não soube responder a pergunta.

Quando abordados a respeito da formação profissional, 51 (94,44%) fisioterapeutas realizaram pós-graduação, sendo 66,67% especialistas (Gráfico 1).

Quanto ao estado escolhido para realizar a pós-graduação, 24 (44,4%) titularem-se em Alagoas, 9 (16,7%) em São Paulo, 7 (13,0%) em Pernambuco e 2 (3,7%) na Paraíba. Três fisioterapeutas possuem duas especializações: 2 (3,7%) as realizaram nos estados de Alagoas e Pernambuco e 1

**Gráfico 1** | Distribuição da maior titulação em valores relativos (%).



(1,9%) em Alagoas e São Paulo. Três (5,6%) não possuem pós-graduação e 6 (11,1%) a realizaram em outros estados.

A área de pós-graduação predominante foi a de Cardiorrespiratória/Terapia Intensiva, com uma percentagem de 70,37% (Gráfico 2).

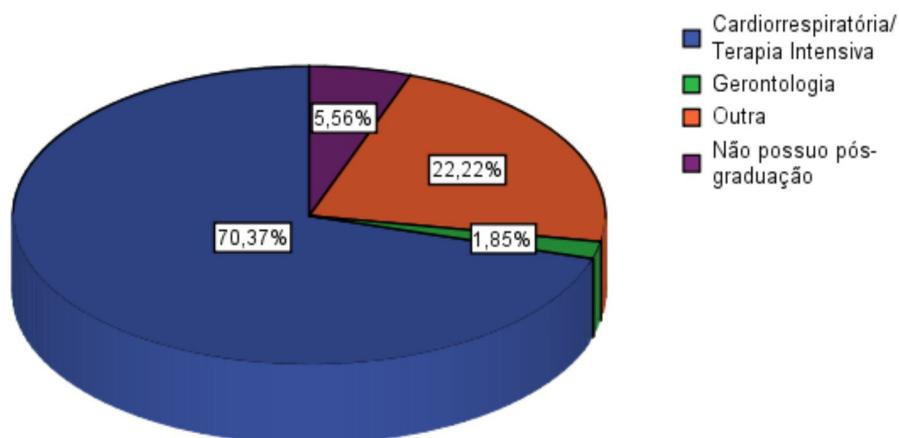
Observou-se também que 8 (14,8%) profissionais iniciaram a pós-graduação ainda na graduação, 18 (33,3%) a realizaram em menos de 1 ano de graduado, 14 (25,9%) entre 1 e 3 anos, 6 (11,1%) entre 4 e 7 anos e 2 (3,7%) entre 8 e 10 anos. Apenas 1 (1,9%) havia se pós-graduado após 10 anos da graduação. Três (5,6%) não possuem pós-graduação e 2 (3,7%) não souberam responder.

**Tabela 1** | Dados pessoais e profissionais segundo os valores absolutos (N) e relativos (%) do gênero, idade, jornada de trabalho semanal e faixa salarial.

<b>Variável</b>	<b>N</b>	<b>(%)</b>
Feminino	39	72,2
Idade (anos)		
21 – 25	6	11,1
26 – 30	20	37,0
31 – 40	19	35,2
41 – 45	5	9,3
> 45	4	7,4
Jornada de trabalho semanal em UTI (horas)		
< 20	2	3,7
20	5	9,2
30	24	44,4
40	5	9,3
50	0	0,0
60	7	13,0
Outra	11	20,4
Faixa salarial bruta em reais (R\$)		
1.000 – 2.000	11	20,3
> 2.000 – 3.000	14	25,9
> 3.000 – 4.000	9	16,7
> 4.000 – 5.000	11	20,3
> 5.000	5	9,3
Não sei	1	1,9
*NDR	3	5,6

\* Nao desejo responder (NDR). UTI = Unidade de Terapia Intensiva

**Gráfico 2** | Distribuição da área da pós-graduação em valores relativos (%).



Quando questionados acerca do processo de atualização contínua, 51 (94,4%) fisioterapeutas relataram ter hábito de ler artigos ou revistas científicas. Trinta e oito (70,4%) afirmaram participar de programas de educação continuada nos hospitais onde trabalham. Além disto, verificou-se que 35 (64,8%) dos fisioterapeutas participaram de eventos científicos nos últimos 6 meses, sendo cursos de atualização profissional os eventos de maior preferência (80,0%). Quanto à publicação de trabalhos, 21 (38,9%) o fizeram; desses, o maior número de publicações varia entre 1 e 3 (76,2%) (Tabela 2).

**Tabela 2** | Dados referentes à atualização profissional segundo os valores absolutos (N) e relativos (%) da participação em eventos científicos e o tipo desses eventos, a existência e quantidade de publicações.

Variável	N	(%)
Participação em eventos científicos nos últimos 6 meses		
Sim	35	64,8
Não	19	35,2
*Tipos de eventos científicos		
Congressos	19	54,2
Cursos	28	80,0
Palestras	26	74,3
Publicação de trabalhos		
Sim	21	38,9
Não	33	61,1
Quantidade de publicações		
1 – 3	16	76,2
4 – 7	3	14,3
8 – 10	0	0,0
> 10	2	9,5

\* A soma das opções desta variável em valores absolutos (N) é maior que a amostra de 54 sujeitos e em valores relativos (%) é superior a 100%. Dado explicado pela combinação de opções de múltipla escolha presentes em uma das questões.

## Discussão

Os fisioterapeutas que atuam nas UTIs adulto da cidade de Maceió são predominantemente do sexo feminino e possuem idade entre 26 e 30 anos, corroborando com estudo realizado na cidade de Anápolis, no qual havia uma maior prevalência de mulheres, sendo em sua maioria jovens, com idade média de 26 anos (3). O predomínio feminino na área de saúde, sobretudo no setor hospitalar continua crescendo nos últimos anos, fortalecendo a tradição cultural que coloca a mulher no papel de provedora do cuidado (11).

A maior parcela dos profissionais tem uma jornada de trabalho semanal de 30 horas, reforçando um estudo realizado no país, que obteve uma parcela de 64,4% dos fisioterapeutas atuando nesse regime de horas semanais, obedecendo a Lei nº 8.856 estabelecida pelo COFFITO, a qual determina que o fisioterapeuta deve exercer a carga horária máxima de 30 horas semanais (2,12). No entanto, observou-se no presente estudo que 22,3% possuíam carga horária superior a 30 horas, o que pode ser devido ao acúmulo de cargos em instituições distintas de serviço privado e/ou público. No que concerne a cargos públicos o fisioterapeuta como profissional da área de saúde pode acumular cargos em mais de uma instituição, desde que o total não ultrapasse 60 horas e haja compatibilidade de horário, ultrapassando nesses casos o regime proposto pelo COFFITO (13).

Em relação à faixa salarial, observou-se que 14 (25,9%) dos fisioterapeutas têm remuneração entre 2.000 e 3.000 reais, valor que está acima da referência da Federação Nacional dos Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais – FENAFITO, a qual institui um piso salarial de 1.780 reais, sendo esse o valor referencial para Alagoas, em virtude da ausência de sindicato da categoria e, conseqüentemente, de convenção coletiva (14). Essa remuneração, acima do piso nacional, pode ser devido a uma parcela destes profissionais trabalharem em mais de uma instituição, além de atuar em regime noturno, domingos e feriados, atribuindo-lhes acréscimos em seus honorários. Tal fator torna-se relevante, pois uma melhor remuneração contribui na manutenção da satisfação profissional, motivando o fisioterapeuta a prestar uma melhor atenção ao paciente, além de fornecer financiamento para participação em eventos científicos (15).

Contabilizou-se que 41 (75,9%) fisioterapeutas, não assistem unicamente à UTI, dando assistência também a pacientes em outros setores do hospital, divergindo do perfil dos fisioterapeutas das UTIs da Europa, onde apenas 25% não atuam exclusivamente na unidade (16). Além disso, tal prática não está de acordo com os requisitos exigidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA para o funcionamento de unidades de terapia intensiva, a qual dispõe a obrigatoriedade da presença de no mínimo um fisioterapeuta trabalhando de forma exclusiva nesse setor por turno de trabalho (17).

Quanto à formação acadêmica, a maior parte dos fisioterapeutas graduou-se em Alagoas (63,0%) e em instituições particulares (61,1%), fato que pode ser justificado pelo grande número de instituições de ensino superior no Estado, totalizando oito cursos de graduação em Fisioterapia, sendo somente um deles em universidade pública, ofertando em Alagoas aproximadamente 780 vagas anuais (18). O tempo de graduado prevalente foi entre 1 e 5 anos, o que pode ser explicado pela predominância de profissionais jovens e a crescente instalação de novos cursos de graduação em Fisioterapia no Estado.

No que diz respeito à titulação, a maioria dos fisioterapeutas é especialista (66,7%), tem pós-graduação na área de Cardiorrespiratória/Terapia Intensiva (70,37%) e realizou-a em Alagoas (44,4%). O que está de acordo com o disposto na Política Nacional de Atenção ao Paciente Crítico

(PNAPC), a qual recomenda que em face da especificidade do atendimento fisioterapêutico no âmbito da assistência em Terapia Intensiva, torna-se recomendável a exigência de experiência mínima comprovada de quatro anos, titulação ou especialização *latu sensu*.(19) Com relação à maior parcela ter se titulado em Alagoas, isso pode ser explicado pelo aumento da oferta de pós-graduações *latu sensu* no Estado, fato que modificou-se no decorrer dos anos, pois observava-se uma prevalência de cursos realizados fora do Estado, devido a pequena diversidade desses em áreas da Fisioterapia (20).

A maior titulação encontrada foi o mestrado/mestrado profissional, título obtido por 20,4% dos profissionais. Os que realizaram mestrado profissional optaram pela área de terapia intensiva para capacitar-se, já que este tipo de mestrado enfatiza estudos e técnicas diretamente voltadas ao desempenho de um alto nível de qualificação profissional (21). Cursos de mestrado na área de fisioterapia foram criados no final do ano de 1996 e, desde então, estão sendo implementados de forma crescente em todo país, contudo tal aspecto não é observado em Alagoas, onde os mestres precisam buscar esse título através de áreas correlatas, como disciplinas da área da saúde ou ensino (22).

Ainda concernente à formação profissional, referente ao tempo entre a graduação e o início da titulação, 18 (33,3%) fizeram-na em menos de 1 ano, em concordância com estudo realizado em 2004 na cidade de Maceió, onde 46,9% dos profissionais começaram sua pós-graduação no mesmo período, continuando a consolidar a necessidade de se fortalecer profissionalmente frente à concorrência estabelecida no campo de trabalho (8).

No que se refere à atualização profissional, constatou-se que 64,8% dos fisioterapeutas costumam participar de eventos científicos, a maior parte prefere cursos e tem hábito de ler artigos científicos. Em estudo similar foi verificado que os fisioterapeutas têm interesse por atualização e reciclagem, dando prioridade a cursos, congressos, simpósios ou jornadas (100% em um intervalo de dois anos), além de metade da amostra ter afirmado possuir publicações em periódicos científicos nacionais e/ou internacionais (23). Isso demonstra que este profissional almeja embasamento teórico e segurança na tomada de decisões frente à especificidade no tratamento do paciente crítico, em especial em casos mais complexos.

Foi observado que 38,9% dos fisioterapeutas efetuaram publicação científica, dentre eles a grande parcela (72,2%) publicou entre 1 e 3 trabalhos. Estudos sobre o perfil dos fisioterapeutas atuantes nas UTIs de outros países obtiveram resultados semelhantes, havendo uma escassez de pesquisas relacionadas aos cuidados intensivos. A elaboração de pesquisas é imperativa para que o fisioterapeuta estabeleça concretas comprovações da eficácia de suas técnicas e serviços para obter uma prática baseada em evidências (24,25).

Programas de treinamento e educação continuada ministrados para equipe hospitalar estão acessíveis a 70,4% dos profissionais, corroborando com o perfil nacional, onde 67% seguem programas de aperfeiçoamento e desenvolvimento (2). Percebe-se assim o interesse dos hospitais em capacitar seus profissionais, diminuindo os custos hospitalares e prestando um serviço de excelência.

No panorama atual, há uma escassez de publicações sobre o perfil e a atuação fisioterapêutica em UTIs no mundo. O Brasil é um dos poucos países a realizar estudos neste campo. A apreciação desses estudos nos leva a refletir sobre metas quanto à efetividade no custo-saúde e eficiência no tratamento dos pacientes críticos (2).

## Conclusão

Os dados do estudo demonstram que os fisioterapeutas intensivistas da cidade de Maceió, apresentam um perfil compatível com a atuação em unidades de terapia intensiva. Estes são profissionais que em sua maioria possuem titulação adequada, preferencialmente na área de Cardiorrespiratória/Terapia Intensiva e estão interessados em manter-se atualizados. No entanto, é necessário incrementar a produção científica para embasar sua prática e ratificar sua importância no âmbito hospitalar.

## Referências

1. Caetano JA, Soares E, Andrade LM, Ponte RM. Cuidado humanizado em terapia intensiva: um estudo reflexivo. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2007 Jun;11(2):325-30.
2. Nozawa E, Sarmiento GJV, Vega JM, Costa D, Silva JEP, Feltrim MIZ. Perfil de fisioterapeutas brasileiros que atuam em unidades de terapia intensiva. *Fisioter pesqui.* 2008 Abr-Jun;15(2):177-182.
3. Menezes, S. Fisioterapia em terapia intensiva: uma nova denominação para uma antiga especialidade. *Assobrafir Ciência.* 2011 Dez; 2(2):49-53.
4. Silva EL, Cunha MV. A formação profissional no século XXI: desafios e dilemas. *Ci. Inf.* 2002 Set-Dez;31(3):77-82.
5. Cançado VL, Genelhu P, Moraes LFR. Comprometimento com a Profissão um Estudo em uma Universidade no Estado de Minas Gerais. *REAd.* 2007 Jan-Abr;13(1).
6. Pilati O. Especialização: falácia ou conhecimento aprofundado? *RBPG.* 2006 Jun;3(5):7-26.
7. Calvalcante CCL, Rodrigues ARS, Dadalto TV, Silva EB. Evolução científica da fisioterapia em 40 anos de profissão. *Fisioter Mov.* 2011 Jul-Set;24(3):513-22.
8. Dibai Filho AV, Barbosa LF, Rodrigues JE. A prática fisioterapêutica generalista e especialista na cidade de Maceió-AL. *Fisioter Mov.* 2009 Abr-Jun;22(2):293-303.
9. Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES 4/2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia. *Diário Oficial da União, Brasília, 4 de março de 2002. Seção 1, p. 11.*
10. Nozawa E, Feltrim MIZ. Perspectivas da capacitação do profissional fisioterapeuta da área hospitalar no âmbito da formação e educação continuada. *Fisioter Mov.* 1993; 6(1):16-21.
11. Antunes R, Correia T. Sociologia da saúde em Portugal: contextos, temas e protagonistas. *Sociologia, Problemas e Práticas.* 2009;(61):101-25.
12. Brasil. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Lei nº 8.856, de 1º de março de 1994. Fixa a jornada de trabalho dos profissionais fisioterapeuta e terapeuta ocupacional. Brasília; 1994.
13. Brasil. Emenda Constitucional nº 34, de 13 dezembro de 2001. Dá nova redação à alínea c do inciso XVI do art. 37 da Constituição Federal. Brasília; 2001.
14. Stefani E, Montagnana DA. Federação Nacional dos Fisioterapeutas e Terapeutas Ocupacionais. Referência Salarial. São Paulo; 2011.
15. Rodrigues JE, Bulhões MVM, Costa Junior GJC, Dibai Filho AV, Araújo ACA. Satisfação

profissional do fisioterapeuta e cuidado humanizado em unidades de terapia intensiva. *Fisioter Brasil*. 2011 Jun;12(3):164-7.

16. Berney S, Haines K, Denehy L. Physiotherapy in critical care in australia. *Cardiopulm Phys Ther J*. 2012 Mar;23(1):19-25.

17. Brasil. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução - RDC nº 7, de 24 de Fevereiro de 2010. Dispõe sobre os requisitos mínimos para funcionamento de Unidades de Terapia Intensiva e dá outras providências. Brasília; 2010.

18. Brasil. Ministério da Educação. Instituições de Educação Superior e Cursos Cadastrados. Brasília; 2011.

19. Costa D. SOBRAFIR. *Revista Coffito*. 2005 Dez;7(24):14-18.

20. Dibai Filho AV, Ponto JF, Nascimento MV, Gomes CAF, Rodrigues JE. Análise do perfil dos fisioterapeutas atuantes em unidades de terapia intensiva da cidade de Maceió/AL. *Fisioter. Brasil*. 2010 Maio-Jun;11(3):192-7.

21. Brasil. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Parecer CNE/CES 0079/2002. Brasília; 2002.

22. Costa D. Ten years of Stricto Sensu postgraduate programs in Physical Therapy in Brazil: what has changed? *Rev Bras Fisioter*. 2007 Feb;11(1):V-VI.

23. Parente LC, Nishigushi JS, Soares JCF, Fávero FM, Oliveira ASB, Fontes SV. Perfil da avaliação fisioterapêutica em pacientes com doença neuromuscular na grande São Paulo. *Rev Bras Cien Saúde*. 2008 Jul-Set; 3(17):9-17.

24. Jones AYM. Intensive care physiotherapy – medical staff perceptions. *Hong Kong Physiother J*. 2001 Jan;19(1):9-16.

25. Denehy L, Berney S. Physiotherapy in the intensive care unit. *Physical Therapy Reviews*. 2006 Mar;11(1):49-56.

**Recebido em:** 04/04/2012

**Aceito em:** 24/08/2012